

Algumas expressões idiomáticas hiperbólicas do Português Brasileiro e suas relações com os *frames* de Avaliação e Massa Quantificada

Fabiano Santos Saito
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
E-mail: fabiano_santos_saito@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar e descrever brevemente algumas construções do Português brasileiro que podem ser categorizadas como expressões idiomáticas hiperbólicas e que seguem o seguinte padrão construcional: [preposição “para/pra” + nome] e [preposição “para/pra” + verbo], tais construções funcionam sintaticamente como modificadores (mais especificamente como advérbios de intensidade). Nossa análise, baseada em dados obtidos através de um motor de busca na Internet, aponta que tais construções geralmente estão associadas aos *frames* de Avaliação e Massa Quantificada.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões idiomáticas hiperbólicas do Português Brasileiro; Construções modificadoras; *Frames*.

ABSTRACT: This paper aims at presenting and describing briefly some constructions from Brazilian Portuguese that can be categorized as hyperbolic idioms, that fit the following constructional patterns: [preposition “para/pra” + noun] and [preposition “para/pra” + verb], such constructions have the syntactic function of modifiers (more specifically, they can be labeled as adverbial expressions of intensity). Our analysis, based on data obtained through a search engine in the Internet, points out that these constructions are generally associated with the frame of Evaluation and Quantified Mass.

KEYWORDS: Hyperbolic idioms from Brazilian Portuguese; Modifier constructions; frames.

Introdução

Desde o final do século XIX, quando do surgimento da Linguística enquanto investigação científica sobre os fenômenos da linguagem, muito se tem discutido sobre o pareamento forma-sentido ou significante-significado que unidos formariam uma unidade passível de interpretação ou signo linguístico, na proposta saussureana de descrição do sistema geral das línguas humanas (cf.

SAUSSURE, 2006 [1916], p. 79 *passim*). Como o próprio Saussure afirma, segundo o relato de seus discípulos, esta é uma visão simplista de que a unidade linguística é formada pela união arbitrária de uma imagem acústica (forma) a um conceito (sentido), em uma visão cartesiana, fregeana e positivista de que a soma das partes resulta em um todo uniforme e coeso. Há que se ter em mente que o pai da Linguística tinha o objetivo de apreender os princípios gerais das línguas humanas, o que, por consequência, o levou a conceituar a língua enquanto um sistema relacional abstrato e idealizado (cf. SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15 *et seq.*).

Adotando essa perspectiva formalista da língua(gem), igualmente cartesiana, fregeana e positivista por herança, Chomsky concebe o Gerativismo como uma abordagem linguística em que unidades finitas altamente abstratas como fonemas, morfemas, traços semânticos, classes gramaticais, sintagmas nominais e verbais, sentenças são virtualmente somados e combinados recursivamente por um órgão da linguagem computacional e competente, resultando em performances perfeitas infinitas (cf. CHOMSKY, 1957, entre outros trabalhos posteriores). Embora a semântica não seja um compromisso de Chomsky e discípulos, os estudos gerativistas seguem a lógica fregeana de que o significado da palavra ou da sentença decorre da soma das unidades constitutivas de tal palavra (soma de fonemas, morfemas, traços semânticos, traços sintáticos) ou sentença (soma de palavras): eis o princípio da composicionalidade¹ deduzido por Carnap (1947) a partir da leitura da *opera fregeana*.

No entanto, uma das vertentes dissidentes e contrapostas a esta Linguística Gerativa (idealista e formalista), a saber, a Linguística Cognitiva (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, cap. 1) – que vem tentando trabalhar com conceitos de língua(gem) enquanto experiência de um corpo que fala e uma mente que associa informações percebidas corporalmente, adotando para tanto uma abordagem mais fenomenológica e funcionalista da língua(gem) – busca compreender a produção de significado enquanto uma relação entre forma-sentido, mas não descartando as influências do contexto e do uso (questão possivelmente herdada da necessidade de sobrevivência). Isto desvela a insuficiência dos significantes (forma) e o papel ativo do usuário da língua na construção de significado (sentido) que pode representar em uma situação real de uso da língua mais do que a soma das partes “portadoras de sentido” de unidades abstratas (fonemas, morfemas, sintagmas, sentenças, etc.), o que põe em xeque o princípio da composicionalidade da Semântica Formal². A

¹ Em Carnap (1947, p. 51 *passim*), não ocorre o termo ‘composicionalidade’, mas sim o termo ‘intercambialidade’, a partir do qual resgata a diferenciação proposta por Frege (1892, apud CARNAP, 1947, p. 118 *et seq.*), entre *nominatum* (nome) e sentido (*sense*), formulando que o sentido de uma expressão completa (composta de diversos *nominata*) decorre da soma de sentidos que nela ocorrem (cf. CARNAP, 1947, 121).

² Estamos considerando aqui Semântica Formal uma série de investigações empreendidas por filósofos da linguagem, como Frege e Carnap, que buscavam explicar o sentido/significação de um nome em termos de provação lógica de seus atributos de forma vericondicional (satisfação de valores “verdadeiro” ou “falso”).

fraqueza do princípio da composicionalidade fica mais clara quando trabalhamos com nomes compostos como dente-de-leão e pé-de-cabra, em que a soma dos constituintes resultam em algo completamente diverso do que cada constituinte significa, além do fato de que o nome da flor (ao menos em Português), no primeiro caso, é motivado por sua aparência com a juba do leão, enquanto que o nome da ferramenta, no segundo caso, é motivado pela semelhança de uma das extremidades do objeto com o pé da cabra, que é fendido. Ou seja, os nomes que se deram à flor e à ferramenta são motivados por analogias de semelhança percebidas e experimentadas pelas comunidades linguísticas que adotaram tais nomes, não sendo, portanto, uma seleção ou união de significantes totalmente arbitrária.

Outro calcanhar de Aquiles, como bem lembra Salomão (2002), do princípio da composicionalidade implícito na abordagem mais formalista e cartesiana da Linguística Gerativa, são as expressões idiomáticas, cuja acurada compreensão, interpretação e uso vão além do somatório do significado de seus constituintes, pois são construções de uso lexical idiossincrático de tal forma cristalizadas e produtivas na linguagem (como os chavões, bordões e aforismos), que seu sentido literal aparentemente revela-se opaco e muitas vezes até “sem sentido” em uma análise mais ingênua.

Dentro deste contexto e motivado pelas discussões sobre Linguística Cognitiva, Gramática das Construções, expressões idiomáticas e *Frames* apresentadas nas aulas da Escola Internacional de Altos Estudos em Semântica de *Frames* e suas Aplicações Tecnológicas³, que desenvolveremos este trabalho, cujo objetivo é apresentar e descrever sucintamente algumas construções do Português Brasileiro que estamos definindo como expressões idiomáticas hiperbólicas e que suspeitamos não terem sido ainda descritas em trabalhos acadêmicos anteriores.

1. Linguística Cognitiva, *Frames* e Gramática das Construções: postulações básicas

Até meados da década de 1950, a humanidade era explicada em função de seus hábitos e comportamentos, devido a uma corrente filosófica surgida na Psicologia chamada Behaviorismo, fortemente baseada em princípios de Ciências Positivas como a Química e a Física (“para toda ação há uma reação”), que ficou conhecida pelo célebre par conceitual estímulo-resposta. Outras áreas do conhecimento humano eram influenciadas por esse modo de analisar tudo o que concernia a “ser humano” e agir como humano, assim, na área da Educação formularam-se métodos de

³ Este evento ocorreu na UFJF e foi organizado pelos professores Margarida Salomão, Tiago Timponi Torrent e Thais Fernandes Sampaio, que trouxeram os professores Michael Ellsworth e Miriam Petruck, da Universidade da Califórnia em Berkeley, do projeto FrameNet, liderado pelo linguista Charles Fillmore.

“aprendizagem por reforço”, e na área de Ensino e Aquisição de Línguas, por exemplo, a fluência do falante ou aprendiz poderia ser medida na diferença entre insumo (o que o professor ensinou) e produto (o que o aluno era capaz de realizar com os estímulos recebidos). A mente humana era vista como uma caixa preta que funcionava quase como um autômato, respondendo aos estímulos do meio.

Com o avanço da Neurofisiologia (que trazia novos conhecimentos sobre o funcionamento do cérebro humano), da Psicologia (que se voltava mais e mais a assuntos relacionados à mente humana), da Filosofia da Mente (que buscava responder como o ser humano pensa e produz conhecimento), e das Ciências da Computação (que tentava simular no computador um “cérebro eletrônico”) a partir da década de 1950, ocorreu o que ficou conhecido como “Revolução Cognitiva” (cf. CHOMSKY, 1997). Na Linguística, o que marcou o abandono da ideia behaviorista de linguagem como efeito de condicionamento, treinamento e reforço, foi a crítica de Noam Chomsky ao livro “*Verbal Behavior*” de Skinner (1957), publicada na revista “*Language*” (1959), e a publicação de “*Syntactic Structures*” por Chomsky em 1957.

Surgia assim a Linguística Gerativa ou Gerativismo que se alicerçava nos seguintes princípios: inatismo, o ser humano possuiria uma predisposição para desenvolver linguagem e adquirir uma ou mais línguas com que tivesse contato (era impossível pensar no desenvolvimento linguístico como processo de repetição e reforço – esse argumento ficou conhecido como “Problema de Platão”); gerativismo – capacidade de o ser humano produzir a partir de um número finito de recursos linguísticos (letras, sons, palavras) uma infinidade de sentenças e ideias (“Problema de Descartes/Humboldt”); ineditismo – capacidade de o ser humano criar e entender sentenças nunca antes ouvidas (cf. SALOMÃO, 2002). A Linguística Gerativa constituiu-se como a primeira linguística cognitiva por adotar uma abordagem mentalista da linguagem humana, considerando que a mente manipula símbolos e representações, sobre os quais são aplicados regras e procedimentos (processamento algorítmico ou computacional) para produção de linguagem. Em sua agenda de pesquisas mais recente, conhecida como “Programa Minimalista”, a Linguística Gerativa considera que o componente cognitivo da Faculdade da Linguagem seria formado por dois módulos: o Sistema Computacional – que seria a capacidade de a mente/cérebro operar com símbolos e regras linguísticos (este módulo linguístico seria inato e comum a todos os seres da espécie humana); e o Léxico – a parte idiossincrática da linguagem, este módulo seria adquirido (cf. LOPES, 2001; CHOMSKY, 1995).

Preocupada prioritariamente com o processamento sintático da linguagem e a busca por estruturas linguísticas universais que possam explicar a rápida aquisição da linguagem por crianças em contato com dada(s) língua(s), a Linguística Gerativa deixou de lado questões sobre semântica

(adotando perspectivas formalistas) e sobre o léxico (considerando-o como a parte variável ou idiossincrática das línguas naturais). Além disso, as versões anteriores da Linguística Gerativa, como “Princípios e Parâmetros” e “Regência e Ligação”, por apresentarem regras sintáticas complexas e numerosas, acabaram causando a debandada de alguns linguistas gerativos para abordagens da Linguística interessadas por uma visão mais holística de língua e linguagem, que explorassem outros níveis de análise linguística além da sintaxe (“retorno” dos estudos de uma semântica menos formalista, da interface sintaxe-semântica, dos fenômenos figurativos de linguagem, da importância do léxico na estruturação da linguagem) e os aspectos culturais implicados na linguagem.

É nesse contexto que Jackendoff irá reivindicar uma sintaxe mais simplificada das línguas naturais (o que explicaria a facilidade de aquisição linguística); que Fillmore resgatará os papéis temáticos e as valências (grade argumental) de verbos e nomes na formulação de uma “Semântica de Casos” e na criação do conceito de “*frames*” (esse conceito será melhor explicado posteriormente, mas, grosso modo, *frames* seriam quadros ou cenas comunicativo-situacionais que emergem através de escolhas lexicais bem específicas); que Fauconnier advogará por uma semântica situacional (interface semântica-pragmática) que preenche “espaços mentais” no momento da interação e resolve alguns problemas de referência; que Lakoff desenvolverá estudos sobre metáforas conceptuais; que Tomasello apontará que o acúmulo cultural proporcionado por um “efeito catraca” facilita a compreensão do mundo e aquisição de bens culturais, como a língua, pelas novas gerações de seres humanos; que Goldberg tentará explicar a gramática de uma língua considerando os usos reais e atestados dessa língua, estabelecendo uma continuidade entre sintaxe e léxico.

O que hoje é conhecido pelo rótulo de Linguística Cognitiva começa a emergir na década de 1970 com os estudos de Lakoff sobre uma série de “incongruências” sintáticas que a Linguística Gerativa daquela época não dava conta de explicar, como era o caso das expressões idiomáticas. No entanto, muitas ideias mais antigas no campo da Linguística são resgatadas nessa nova abordagem, além de outras contribuições de outras áreas do conhecimento, como: a Hipótese Sapir-Whorf (para Sapir, a língua influenciaria o pensamento e a atitude dos falantes; para Whorf, prepondera a ideia do relativismo linguístico, ou seja, a conceptualização linguística seria variável conforme cada cultura); o conceito de protótipo e classificação categorial, desenvolvidos pela psicolinguista Eleanor Rosch e colegas; das Áreas de Ciências da Computação e Inteligência Artificial, vieram as ideias de simulação, conexão, associação de informações, processamento informacional em rede – o que ensejou a adoção de um Paradigma Conexionista pela Linguística Cognitiva, oposto ao Paradigma Modularista (módulos especializados processam informações serial e separadamente) da Linguística Gerativa; da Filosofia, foram aproveitadas as perspectivas fenomenológicas como o

Experiencialismo ou Realismo Corporificado (JOHNSON, 1987; LAKOFF e JOHNSON, 1999), que relevam a experiência humana como central na organização do pensamento e compreensão da realidade, que emergem na linguagem em uso, ao contrário do transcendentalismo e imanentismo subsumidos pelo Gerativismo ao conceber a linguagem como capacidade inata e apriorística.

Percebendo as limitações e os pontos problemáticos que envolviam fenômenos de linguagem que a Linguística Gerativa não dava conta de explicar, alguns linguistas elaboraram teorias que não deixavam de ter o caráter mentalista e, portanto, cognitivista, mas que consideravam a linguagem em uma abordagem mais experiencialista e sociocultural, e como destacam Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 4) “a Linguística Cognitiva não é uma teoria de língua(gem) única, mas sim um agrupamento de abordagens amplamente compatíveis”, cujas temáticas de interesse buscam investigar:

as características estruturais da categorização linguística (tais como prototypicalidade, polissemia sistemática, modelos cognitivos, repertórios imagéticos mentais, e metáfora); os princípios funcionais de organização linguística (tais como iconicidade e naturalidade); a interface conceptual entre sintaxe e semântica (como explorada pela Gramática Cognitiva e Gramática Construcional); o conhecimento experiencial e pragmático da linguagem-em-uso; e a relação entre linguagem e pensamento, inclusive questões sobre relativismo e universais conceptuais (GEERAERTS e CUYCKENS, op. cit.)

Pelo que foi exposto, este trabalho assume os princípios gerais da Linguística Cognitiva, destacando brevemente os pressupostos básicos da Semântica de *Frames* e da Gramática das Construções.

1.1. Semântica de *Frames*

Em linhas gerais, a Semântica de *Frames* é “um programa de pesquisas em semântica empírica e um quadro teórico descritivo para apresentar os resultados dessa pesquisa” (FILLMORE, 2006, p. 373), que foi desenvolvendo-se a partir de um estudo mais refinado das valências verbais e dos papéis temáticos, no que ficou conhecido como “semântica de casos”, elaborada por Charles Fillmore na década de 1960. Nesse momento, emergiu o conceito de “*case frames*” (*frames* de caso), que caracterizavam “uma pequena ‘cena’ ou ‘situação’ abstrata, de tal forma que para entender a estrutura semântica do verbo, era necessário entender as propriedades de tais cenas esquematizadas” (FILLMORE, 1982, p. 115 *apud* PETRUCK, 1996, p. 1). *Frames* são modelos cognitivos e em uma concepção mais atualizada, *frame* é entendido como “um sistema de conceitos relacionados de tal maneira que para entender qualquer um deles você tem que entender toda a estrutura em que ele se encaixa” (FILLMORE, 2006, p. 373). Como a Semântica de *Frames* investiga o sentido das

unidades do léxico e as relações estabelecidas entre elas, é válido ter em mente o conceito de *frame* semântico: “uma representação esquemática de uma situação, objeto, evento ou relação que fornece a estrutura de conhecimento sobre a qual palavras são entendidas” (PETRUCK, 2012).

A Semântica de *Frames* configura-se como uma agenda de investigações sobre o léxico e as relações lexicais, que desemboca no projeto lexicográfico FrameNet, coordenado por Fillmore, na Universidade de Berkeley, que tem por objetivo registrar todos os itens lexicais e *frames* que eles evocam. A anotação lexical da FrameNet leva em conta primariamente os *frames*, enquanto modelos cognitivos dentro dos quais os itens lexicais são organizados; cada item lexical ou elemento de *frame* é anotado de forma tripla, considerando: o papel semântico, a função gramatical e o tipo de sintagma (PETRUCK, 2012).

1.2. Gramática das Construções

As gramáticas construcionais surgiram como reação às gramáticas gerativas, cujo modelo de análise segue o modelo componencial ou princípio da composicionalidade (já discutimos acima), em que as propriedades de um enunciado – estrutura fonológica, sintática e semântica – são representadas em componentes separados e fatiadas em unidades significativas menores – fonemas, sintagmas e semantemas (cf. CROFT, 2007, p. 464). As gramáticas construcionais possuem uma visão mais holística dos objetos linguísticos e consideram indissociável a relação entre forma e função e, por isso, constitui-se como um tipo de gramática baseada em signo (cf. FRIED e ÖSTMAN, 2004, p. 12).

A versão seminal deste tipo de gramática, que ficou conhecida como Gramática das Construções, foi apresentada por Fillmore, Kay e O’Connor (1988), em que analisaram a questão das expressões idiomáticas como padrões relativamente complexos de forma-sentido (construções) impossíveis de serem explicados adequadamente segundo o princípio da composicionalidade adotado pela Gramática Gerativa (cf. CROFT, 2007; FRIED; ÖSTMAN, 2004). Isto porque as expressões idiomáticas possuem uma “gramática própria” (regras combinatórias internas), ao mesmo tempo em que funcionam como um “grande item lexical” (prevalece o sentido do todo e não a soma de sentidos de cada constituinte).

1.2.1. Expressões idiomáticas

Ao falar sobre expressões idiomáticas e linguagem formulaica, Gibbs (2007, p. 697) alega que falar uma língua de modo fluente requer o conhecimento dos idiomatismos, gírias, expressões

fixas e diversas fórmulas discursivas, caracterizando-os como remanescentes de metáforas “mortas” ou linguagem fossilizada.

Dentre os diversos tipos de fórmulas discursivas, o mesmo autor (GIBBS, op. cit.) cita diversas: amálgamas, clichês, colocações, expressões fixas, ganchos (bordões), holófrases, idiomatismos (expressões idiomáticas), unidades multipalavra, sequências não composicionais, ramerrões, dentre outras. Por questões de espaço, iremos considerar apenas as expressões idiomáticas como “unidades fraseológicas/idiomáticas que transmitem o sentido do falante e que não podem ser determinadas simplesmente somando-se os sentidos de cada palavra ou morfema” (GIBBS, op. cit., p. 699).

Dentre as expressões idiomáticas tipologizadas por Gibbs (op. cit., p. 700), interessam-nos as hiperbólicas, que “descrevem literalmente processos ou atributos impossíveis, com o objetivo de intensificar ou compreender o evento ou ideia principal a que um falante se refere”, exemplos do mesmo autor: “*a storm in a teacup*” (equivalente ao nosso “tempestade em copo d’água”); “*raining cats and dogs*” (lit. “chovendo gatos e cachorros”, significado: “chover muito”).

1.2.2. Gramaticalização

Considerando-se o que foi brevemente exposto sobre Gramática das Construções e expressões idiomáticas (que se encontram no limite da interface entre sintaxe-semântica-léxico), é válido apontar que algumas dessas expressões tornam-se tão recorrentes e produtivas na linguagem-em-uso, que acabam esvaziando-se de seu conteúdo semântico e acabam tornando-se mais sintáticas com o passar do tempo. Ou seja, sofrem o processo de gramaticalização, que definida de modo amplo, “é o processo através do qual uma entidade ou uma construção torna-se parte convencional da gramática”, e que em um sentido mais restrito, “envolve o processo através do qual itens lexicais de classe aberta se transformam em itens de classe fechada (como preposições) ou morfemas” (cf. GEERAERTS, 2006, p. 467).

Traugott (1982, 1988) aponta que o processo de gramaticalização é diacrônico (mas pode ser interpretado sincronicamente); leva a perdas das especificidades semânticas da forma lexical, o que conseqüentemente altera o seu *status* morfossintático; além de ser unidirecional: o que era “menos gramatical” torna-se “mais gramatical” (mas não o contrário).

2. Metodologia

Este estudo insere-se em uma abordagem quantitativa e qualitativa de pesquisa. Como se trata de um estudo de princípios lexicográficos, optamos como aporte metodológico a Linguística de Corpus que, segundo Sardinha (2000, p. 325), “ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística”. Outra característica da Linguística de Corpus é trabalhar com dados empíricos, que podem ser processados com ferramentas computacionais.

Para esta pesquisa, iremos utilizar alguns dados do Corpus Davies do Português (2006-), que é um corpus tratado com 45 milhões de palavras e que abrange textos desde o século XIV até o século XX. Além desses dados, organizamos um pequeno corpus de dados linguísticos contemporâneos coletados da Internet através do motor de buscas do site Google, aplicando filtros de pesquisa que restringiam esses dados a serem encontrados no corpo das páginas do idioma Português, da região Brasil, utilizando o filtro restrito do *SafeSearch* (para evitar páginas de conteúdo abusivo), e com o direito de uso livre (ou seja, dados sem restrição de uso, compartilhamento ou modificação, para evitar problemas legais quanto a direitos autorais). Também nos limitamos a analisar os 100 (cem) primeiros resultados de pesquisa, porque não é nosso intento realizar um trabalho exaustivo (o que recomendamos a futuros pesquisadores). Portanto, esse pequeno *corpus* montado por nós serve para fins de amostragem. Para efeitos estatísticos, na listagem de 100 primeiros resultados, desconsideramos entradas duplicadas (repetidas ou idênticas) para os *types* (tipos) de expressões que pesquisamos, o que reflete na redução de *tokens* (ocorrências).

3. Análise dos dados

A partir do que foi exposto nas seções teóricas e metodológicas, apresentaremos e descreveremos as expressões idiomáticas hiperbólicas do Português Brasileiro enquanto um tipo de construções (pareamento de forma-função), que seguem o seguinte padrão construcional:

- a) [preposição “para/prá” + nome]: para/prá burro; para/prá caçamba; para/prá cacete; para/prá cachorro; para/prá caralho; para/prá carai; pacarai; para/prá caramba; para/prá chuchu; para/prá dedel; para/prá dedéu; para/prá porra
- b) [preposição “para/prá” + verbo]: para/prá danar

Considerando que cada expressão é um *type* (tipo) e a variação das formas da preposição “para” (Preposição “p_”), ao todo, há 25 *types*: “p_ + burro” (2); “p_ + caçamba” (2); “p_ + cacete” (2); “p_ + cachorro” (2); “p_ + cara_” (5); “p_ + caramba” (2); “p_ + chuchu” (2); “p_ + ded_” (4); “p_ + porra” (2); e “p_ + danar” (2). A construção “pacarai” é uma variante aglutinada da construção “p_ + carai”, que vem a ser uma forma com “perdas” fonéticas da construção “p_ + caralho”. A única construção “p_ + verbo” que possui uma semântica hiperbólica que encontramos foi “p_ + danar”. Isto permite inferir que as construções “p_ + nome” são mais produtivas e convencionalizadas do que “p_ + verbo” nos dados analisados do Português.

Ao pesquisar cada *type* das expressões no Corpus Davies e no motor de buscas do Google, obtivemos as seguintes tabelas de ocorrências:

Expressões	Corpus Davies				
	Para	Pra	Literal	Hiper	N-hiper
“p_ + burro”	06	10	01 (01+00)	14 (04+10)	01 (01+00)
“p_ + caçamba”	--	--	--	--	--
“p_ + cacete”	--	06	--	06	--
“p_ + cachorro”	02	04	03 (00+03)	--	03 (02+01)
“p_ + caralho”	--	18	--	18	--
“p_ + carai”	--	--	--	00	--
“pacarai”	--	--	--	--	--
“p_ + caramba”	01	13	--	14 (01+13)	--
“p_ + chuchu”	--	01	--	01	--
“p_ + dedel”	--	--	--	--	--
“p_ + dedéu”	--	--	--	--	--
“p_ + porra”	--	--	--	--	--
“p_ + danar”	05	--	05	--	--

Tabela 01: Tabela resumptiva das expressões do tipo [Preposição p_ + (nome ou verbo)] no Corpus Davies

Expressões	Google						
	Dados brutos		Até 100 primeiros resultados tratados				
	Para	Pra	Para	Pra	Literal	Hiper	N-hiper
“p_ + burro”	32	2820	26	57	04 (04+00)	70 (16+54)	09 (06+03)
“p_ + caçamba”	01	07	01	06	02 (00+02)	05 (01+04)	--
“p_ + cacete”	33	23900	23	86	--	105 (20+85)	04 (03+01)
“p_ + cachorro”	320	3010	46	71	67 (43+24)	49 (02+47)	01 (01+00)
“p_ + caralho”	56	13900	39	167*	--	206 (39+167)	--
“p_ + carai”	03	77	03	75	--	78 (03+75)	--
“pacarai”	15		15		--	15	--
“p_ + caramba”	1620	207000	94	91	--	185 (94+91)	--
“p_ + chuchu”	12	952	10	68	--	78 (10+68)	--
“p_ + dedel”	--	04	--	04	--	04	--
“p_ + dedéu”	04	84	04	67	--	70 (04+66)	01 (00+01)
“p_ + porra”	26	479	17	100	--	53 (03+50)	64 (14+50)
“p_ + danar”	06	37	05	21	01 (01+00)	24 (03+21)	01 (01+00)

Tabela 02: Tabela resumptiva das expressões do tipo [Preposição p_ + (nome ou verbo)] nas buscas do Google

* Em alguns resultados, obtivemos mais de uma ocorrência da referida expressão em excertos de texto distintos

A preposição “para”, nos estudos tradicionais, originalmente marcava destino, tinha uma função locativa (ex.: “Estrada para Roma”; “Ele viajou para Lisboa”), que gradualmente, através de projeção metafórica foi adquirindo também o sentido de finalidade (ex.: “garfo para comer”; “Esse livro foi escrito para ser lido”). Algumas das expressões elencadas acima ainda possuem o sentido literal e remetem à semântica de finalidade em certos contextos, por outro lado em outros contextos elas possuem o sentido figurativo próprio do idiomatismo:

- (1) tem montes de palha para burro se saciar
- (2) cangalha para burro de carga
- (3) É, ela falou para burro.
- (4) Mas o velho é inteligente para burro e aprendeu coisas novas em cada conversa a toa.
- (5) Como dar Remédio para Cachorro
- (6) Comida para cachorro
- (7) não consigo disfarçar quando algo me incomoda e me incomoda pra cachorro, sem trocadilho
- (8) Não é só praia, Noronha é tudo de bom, bom pra cachorro

Observe que os exemplos (1), (2), (5) e (6) não são tomadas como expressões idiomáticas e indicam finalidade; enquanto que os exemplos (3), (4), (7) e (8) só são inteligíveis no sentido figurado, se consideradas como um todo (construção) e indicam exagero. O exemplo (3) é ambíguo: se interpretado literalmente, provoca um efeito cômico (uma pessoa falando, tendo como público um bando de quadrúpedes asininos); no entanto, o contexto da enunciação indica-nos o uso idiomático. Provavelmente, as expressões matrizes com sentido de finalidade foram projetadas metaforicamente para ganharem a semântica hiperbólica (comida que sobrou para cachorro comer → a comida que sobra para os animais é sinal de fartura; comida que sobrou para burro comer → tinha tanta comida que sobrou até para o burro comer), ao mesmo tempo que os constituintes da expressão perderam suas próprias especificidades semânticas (sentido esvaziado), ganhando o valor sintático de modificadores ou advérbios de intensidade, em um processo de gramaticalização (v. seção 1.2.2). As expressões “para cachorro” e “para burro”, enquanto idiomatismos, equivalem ao modificador ou advérbio de intensidade “muito”. O interessante é notar que expressões idiomáticas hiperbólicas de domínio animal são atestadas em outras línguas⁴ (em inglês: “*He works like a dog*”, tr.: “Trabalha feito um cão” = Trabalha demais; “*He eats like a horse*”, tr.: “Come feito um cavalo” = Come muito; em francês: “*Cette musique est vachement bonne*”, tr.: “Essa música é vacamente boa” = Música muito boa).

A expressão idiomática de domínio vegetal “para/prá chuchu” parece ser motivada pelas experiências humanas das comunidades falantes do Português no setor agrícola, o sentido

⁴ Os exemplos em inglês estão atestados em Gibbs (2007).

hiperbólico provavelmente advém do fato de ser o chuchu um produto agrícola de colheita abundante. Nossa hipótese é de que o sentido hiperbólico da expressão também seja uma projeção metafórica da possível expressão matriz (com sentido literal) “esterco/adubo para produzir chuchu”, que pode ter originado “muito adubo para produzir muito chuchu” > “muito adubo para muito chuchu” > “adubo para chuchu”. Nas duas bases de dados que analisamos (Corpus Davies e Google), não encontramos essa expressão em seu sentido literal, apenas no sentido figurado e todas usando a semântica hiperbólica ou do exagero:

(9) Nossa, ela é bonita para chuchu!

(10) as condições de trabalho estão precárias e hoje marido de professora tem de ter renda pra sustentar a mulher, que trabalha pra chuchu.

Outro grupo de expressões idiomáticas do tipo [Preposição p_ + nome] muito produtiva são as que fazem referência ao corpo humano, ou seja, são expressões corporificadas, cujo sentido hiperbólico é motivado por partes do corpo que aumentam de tamanho e secreções corpóreas que participam da reprodução (multiplicação da espécie):

(11) Não leio mais porra nenhuma, a vida ficou leve para cacete, tá muito bom

(12) Yoga é velho pra cacete

(13) o cara escreve mal para caralho

(14) meu cérebro é escroto pra caralho comigo

(15) Minha sincera opiniao: pintura horrivel, feia para carai

(16) O cara é foda,canta pra carai

(17) Mas apesar das brincadeiras, eu admito, curto pacarai o CD deles

(18) Chato para porra ler os comentarios sobre series na tv aberta aqui nesse site

(19) Tinha muito ouro lá? Era ouro pra porra.

Embora pertençam aos registros de baixo calão, são as que mais possuem traços de subjetividade (apontam para atitudes do falante) e estão intimamente relacionadas ao *frame* de Avaliação, em que um agente avaliador emite uma opinião ou avaliação acerca de certa entidade, objeto ou evento no mundo:

(20) magdalena é um bolinho[Objeto avaliado] bom para cacete [Avaliação: adjetivo “bom” + modificador “para cacete”] típico da Espanha [Avaliador: instanciação nula]

(21) a uns dois anos àtras tenho lutado contra uma coisa chata pra cacete[Avaliação: adjetivo “chata” + modificador “pra cacete”]: OS lapsos de memória [Evento avaliado] [Avaliador: instanciação nula]

Como pode ser visto, nos exemplos (20) e (21), o agente avaliador é elemento de *frame* de instanciação nula, ou seja, embora não seja realizado na superfície do enunciado, ele pode ser recuperado pelo contexto, como no exemplo (21), em que inferimos que o Avaliador é a própria

pessoa que está emitindo a avaliação (“eu”); já no exemplo (20), o Avaliador pode ser o próprio enunciador ou um terceiro que tenha dito a ele que o “bolinho” é “bom pra cacete”.

No entanto, nem todas as construções [Preposição p_ + nome ou verbo] com semântica hiperbólica se relacionam ao *frame* de Avaliação, algumas aparecem no *frame* de Massa Quantificada, quando o objeto ou entidade é passível de mensuração:

(22) Eu disse que temos dinheiro [Objeto quantificável] pra caralho

(23) Comemo pizza[Objeto quantificável] pra carai neh

(24) Comprei chocolate [Objeto quantificável] pra porra!

Algumas das construções [Preposição p_ + nome ou verbo] têm sentido literal (exemplos (1), (2), (5) e (6), ou outro sentido figurado diverso da semântica hiperbólica:

(25) é como passar de "cavalo para burro"

(26) Agora vamos mudar de pau para cacete

(27) estar presente no cenário internacional, hoje, não é briga para cachorro míope

(28) Ela era formada em Belas Artes, que, como o curso de Teatro, não prepara ninguém para porra nenhuma.

Em (25) e (26), “passar de ‘cavalo para burro’” e “mudar de pau para cacete” são expressões idiomáticas referentes à mudança. Em (27), a expressão “briga para cachorro” remete a guerra e confusão. Enquanto que em (28), temos “para porra nenhuma”, expressão idiomática de nulidade.

Por fim, há expressões do tipo construcional [Preposição p_ + nome ou verbo] cuja origem e motivação perderam-se ao longo de seu processo de gramaticalização, ao serem esvaziadas do sentido literal, ganharem a semântica do exagero e passarem a funcionar sintaticamente como modificadores:

(29) As mães e “sogra” ficaram por lá mais duas semanas por lá, cuidando das filhas, que passaram mal para caçamba.

(30) Esse caça-palavras tá difícil pra caçamba

(31) Tem sempre alguma senhora no celular falando alto para caramba que a comadre fez isso e aquilo

(32) Minha mãe antes me via como um filho estudioso pra caramba até a quinta série

(33) Oloko , isso é dinheiro pra dedel

(34) comigo elas me batem forte para dedéu (muito) e eu como homem não posso fazer nada

(35) há tanta coisa a ser feita, é trabalho pra dedéu

(36) Doi para danar depois de andar a Voluntários quase toda

(37) sabe aqueles meninos te zoam pra danar e você nem percebe

Ao que tudo indica, a construção “p_ + caramba” dos exemplos (31) e (32) foi motivada pela interjeição tomada de empréstimo do espanhol (*¡Caramba!*). Por sua vez, “p_ + caramba” parece estar motivando a gramaticalização de “p_ + caçamba” ((29) e (30)), que possui um padrão fonético similar, ou o próprio objeto conhecido como “caçamba”, por ser grande, pode estar

motivando a semântica hiperbólica de tal expressão. O idiomatismo “p_ + dedéu” e sua variante “p_ + dedel” em (33), (34) e (35) não possui nenhuma pista sobre sua origem, mesmo porque a palavra “dedéu” não se encontra dicionarizada e explicada filologicamente a contento; nossa hipótese é de que “dedéu” talvez tenha alguma ligação ou faça referência aos órgãos reprodutores masculinos. A única construção do tipo [preposição p_ + verbo] com semântica hiperbólica que atestamos foi “p_ + danar” ((36) e (37)), em que o verbo “danar” perde a semântica de “causar dano” para adquirir a semântica do exagero, talvez motivado pela grande comoção que um dano ou tragédia causam (chora-se muito, desespera-se bastante, etc.). No entanto, são hipóteses.

Conclusão

Através da análise de dados e dos exemplos autênticos de uso linguístico (base de dados do Google), pudemos confirmar a existência das expressões idiomáticas hiperbólicas no Português Brasileiro (evitamos o uso dos exemplos do Corpus Davies, usado aqui apenas para fins estatísticos, porque tal *corpus* possui também registros do Português Europeu), configuradas pelo padrão construcional [Preposição p_ + nome ou verbo]. Evidenciamos que tais pares de forma-função ou construções enfraquecem o princípio da composicionalidade da Semântica Formal, ganham valor semântico idiomático de exagero ou hipérbole na expressão tomada como um todo, ao mesmo tempo em que funcionam sintaticamente como modificadores ou advérbios (classe fechada) através do processo de gramaticalização. Embora não tenhamos discorrido o suficiente, mas parece haver relação entre tais expressões idiomáticas hiperbólicas com o *frame* de Avaliação e o de Massa Quantificada. Esperamos ter contribuído para apresentação dessa rede de construções dentro de uma perspectiva cognitiva de linguagem, mas apontamos para a necessidade de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas que tragam luz às hipóteses iniciais que aqui lançamos.

Referências

- CARNAP, R. **Meaning and necessity**: a study in semantics and modal logic. Chicago: The University of Chicago Press, 1947.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1957.
- _____. **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- _____. Novos horizontes no estudo da linguagem. Tradução de Miriam Lemle. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. esp., 1997.

- CROFT, W. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 463-508.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. 2006-. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em 05 Ago. 2012.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics: basic readings**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 373-400.
- FRIED, M.; ÖSTMAN, J-O. Construction Grammar: A thumbnail sketch. In: _____. (eds.) **Construction Grammar in a Cross Language Perspective**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2004. p. 11-86.
- GEERAERTS, D. Trajectories for further reading. In: _____.(ed.). **Cognitive Linguistics: basic readings**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 459-485.
- _____; CUYCKENS, H. Introducing Cognitive Linguistics. In: _____. (eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 3-21.
- GIBBS, R. W., Jr. Idioms and Formulaic Language. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 697-725.
- JOHNSON, M. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination and reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.
- LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Language acquisition and the minimalist program: a new way out. **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2001.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: ÖSTMAN, J-O.; VERSCHUEREN, J.; BLOMMAERT, J. (eds.). **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1996. p. 1-8.
- _____. **FrameNet**: Introduction. Juiz de Fora. 19 Jun. 2012. 58 slides. Apresentação em Power-Point.
- SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas**: Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, 2002, p. 63-74.
- SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000, p. 323-367.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 [1916].
- TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: Some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.
- _____. Pragmatic strengthening and grammaticalization. **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1988, p. 406-416.